

As lésbicas na Alemanha do séc. XIX ao pré-hitlerianismo

Introdução do livro *Lesbians in Germany: 1980's-1920's* (1990) de Lillian Faderman e Brigitte Eriksson, Naiad Press.

“Amigas românticas” alemãs

Em 1805, Bettine von Arnim, uma jovem alemã, escrevia a Caroline Gunderode, uma mulher com mais 8 ou 10 anos do que ela:

Se não existisses, o que seria o mundo para mim? Sou como morta se não me pedires que me levante e viva continuamente contigo. Tenho a certeza que a minha vida acorda apenas quando me chamas e que a minha vida morrerá se não puder continuar a crescer em ti. Sim, sei, a minha vida é insegura; sem o teu amor, no qual está plantada, a minha vida nunca florirá.

Gunderode correspondia à sua paixão e necessidade, declarando: “Tu és o meu raio de sol que me aquece, enquanto que em todo o outro lado a geada cai sobre mim.” A correspondência volumosa entre estas duas mulheres sugere um caso amoroso de grande paixão, no qual elas ofereceram uma à outra não apenas um afecto intenso, mas também apoio emocional e estímulo intelectual. Como muitas outras mulheres do seu tempo, noutros países, Bettine e Caroline viam-se a si próprias como "amigas românticas".

Apesar da grandeza do seu amor, Bettine e Caroline não viveram juntas. Poucas eram as mulheres que o faziam nos princípios do século XIX, quando não havia praticamente oportunidade de auto-suficiência económica para as mulheres de classe média e alta. Esperava-se destas que casassem ou que entrassem para um convento ou outro retiro feminino semelhante. Caroline Gunderode, filha de uma viúva com vários outros filhos, escolheu este último caminho, tornando-se conega da sua ordem religiosa.

As duas mulheres poderiam, é claro, ter fugido juntas como tinham feito na geração anterior na Inglaterra duas lésbicas, Sarah Ponsonby e Eleanor Butler, as Senhoras de Llangollen -- mas talvez não tenham podido, ou não tenham querido arriscar a fúria de

amigos e família que as Senhoras de Llangollen tiveram de suportar. Se Bettine e Caroline fossem das classes mais baixas, uma delas poderia ter envergado roupas de homem, obtido trabalho manual sob esse disfarço, e as duas poderiam ter passado por marido e mulher. Mas mudar de classe, no início do séc. 19, era ainda mais difícil do que mudar de género. Além disso, Bettine e Caroline poderiam ter tido conhecimento do caso de uma outra alemã, Catarina Margarethe Linck, queimada na fogueira em 1721 por ter tentado passar por homem e por ter casado com outra mulher. Mas apesar de não terem passado a vida juntas, a sua correspondência indica que, como muitas outras "amigas românticas" da época, foram amantes em todos os sentidos excepto talvez o genital (é muito pouco provável que tivessem posto essa experiência por escrito, mesmo que a tivessem tido). Para nós, tão próximas do fim do séc. XX, poderá parecer incrível que duas mulheres possam ter estado tão apaixonadas sem nunca referirem o seu "estatuto marginal" enquanto lésbicas, ou o seu receio de serem descobertas, ou o significado político do seu envolvimento uma com a outra. Contudo, tal falta de percepção era possível antes do advento dos sexólogos em finais do séc. XIX, quando informaram o mundo da existência de enormes quantidades de mulheres que amavam outras mulheres, de maneiras que ultrapassavam o afecto entre irmãs -- e que semelhante amor era mórbido.

A "invenção" da lésbica

É significativo que os sexólogos tenham aparecido na Europa ocidental, e principalmente na Alemanha, pouco tempo depois do nascimento do movimento feminista e do aparecimento de maiores oportunidades educacionais e profissionais para as mulheres. Estas oportunidades ampliadas significavam que mulheres como Bettine e Caroline, que se amavam, podiam agora desfrutar da independência económica e social que lhes permitia uma vida a duas. Mas os sexólogos forneceram óptimo poder de fogo para os anti-feministas que se deleitavam em argumentar que só as mulheres masculinas queriam educação e empregos, e que ser masculina era indício seguro de lesbianismo, algo de doente.

Chegadas ao princípio do séc. XX, a "amizade romântica", ou seja o amor inocente entre mulheres, já não era possível. Saídas da meninice as mulheres eram obrigadas a transferir todo o seu afecto para os homens, ou então a encarar o facto de serem

"lésbicas" e de se juntarem a uma sociedade marginal. Os sexólogos sublinhavam o aspecto sexual do amor entre mulheres e a natureza pouco vulgar, isto é, anormal, desse amor. Era inculcado nas mulheres que, se não queriam ser criaturas esquisitas marginais, teriam de suprimir qualquer vestígio de afecto por outras mulheres, e que sentiam um forte afecto por outra mulher, teriam de reconhecer que tal era genital, coisa suja.

Porém, os sexólogos, que definiam o amor entre mulheres como infeliz anomalia congénita, assustaram muitas mulheres no sentido de fugirem do amor mesmo-sexo e tornaram também possível, pela primeira vez, a formação de uma comunidade e sub-cultura lésbicas, ao darem conceitos e rótulos ao fenómeno. Já em 1895, algumas lésbicas alemães "butch" usavam o cabelo curto no encaracolado Tituskopf e usavam smoking à noite e calças de montar de dia. A palavra Freundin (significando literalmente "amiga") começava a conotar uma amante lésbica. Com o início do século, as lésbicas sentiam-se suficientemente livres para exortar outras a se juntarem a elas no seu estilo de vida. Exemplo de tal exortação é o poema de Marie von Najmajer (húngara que escrevia em alemão), "Hino à filha do século XX" de 1900 (...).

Conforme as alusões deste poema celebratório, uma mulher que concordasse a ver-se a si própria como lésbica na viragem do século, terá de ter tido um forte impulso de independência social e força de espírito. Tal mulher terá sido em larga medida pioneira. Ela não terá tido acesso fácil a um grupo social largo, uma vez que existiam ainda muito poucos clubes ou bares onde as lésbicas se pudessem encontrar com as suas semelhantes. Mas à medida que a urbanização se expandia na Alemanha, de igual modo cresciam as oportunidades sociais lésbicas. Já em 1905, o pioneiro alemão da emancipação sexual, Magnus Hirschfeld, calculava no seu livro, O Terceiro Sexo em Berlim, que havia na Alemanha mais de um milhão de homossexuais (homens e mulheres), e 5.600 apenas em Berlim. Esta população homossexual em crescimento depressa deu lugar a uma série de restaurantes, cervejarias e cafés ao serviço do "terceiro sexo". Mas a maioria desses estabelecimentos era primeiramente para homens.

A população feminina permanecia muito mais encoberta, embora Hirschfeld se refira a uma "agência de encontros" onde, em 1905, as lésbicas podiam contactar e se referisse a anúncios pessoais que pareciam interessar a lésbicas, sendo exemplo: "rapariga,

honestas, 24 anos, procura senhora bonita para ser sua amiga." Hirschfeld também descreve danças "de máscaras" em Berlim, às quais "muitas das lésbicas envergavam roupas masculinas", e uma festa de gala anual organizada por uma mulher berlinense para o seu largo círculo de conhecidas sáficas: "depois das 8 de uma linda noite de Inverno, miríades de carros param no melhor Hotel de Berlim e deles emergem senhoras e "senhores" envergando trajes de todos os países".

Não tardou muito e críticos hostis começaram a queixar-se acerca das liberdades a que as mulheres alemãs se permitiam umas com as outras em público. A 22/2/1909, por exemplo, a "Folha Diária Berlinense" exprimia a sua desaprovação chocada a propósito de uma cantora que fora presa porque "cantava canções escandalosas para entreter espectadoras bêbedas num bar". No ano seguinte, o semanário berlinense, "O Mundo à 2ª-feira" denunciava um clube desportivo de mulheres, cujos membros não só praticavam desporto mas também dançavam juntas, algumas delas envergando cabelos curtos, casacos de homem e gravatas, e até charutos.

As lésbicas alemãs e o feminismo

Muitas das mulheres que amavam outras mulheres não se sentiam confortáveis em participar em semelhantes festas públicas. Em vez disso, encontraram um lar no movimento feminista alemão, o que não só as ajudava a confirmar as suas convicções sobre a importância da independência das mulheres, mas também lhes dava a oportunidade de conhecer outras mulheres com as mesmas convicções.

Enquanto feministas, as lésbicas tinham 3 interesses principais: 1) a reforma da educação, que daria a mais mulheres acesso ao ensino superior e que também acabaria com a noção, então quase universalmente aceite, que a educação para as raparigas pouco deveria ultrapassar o torná-las agradáveis e capazes de ser boas donas de casa; 2) maiores oportunidades de emprego, que poriam à disposição das mulheres empregos que até então lhes eram vedados, tornando assim possível a independência a todas as mulheres que a quisessem; e 3) o direito de voto para as mulheres que, acreditavam elas, traria no seu rasto todas as outras reformas necessárias.

Enquanto que estas questões preocupavam muitas mulheres alemãs em geral, para as

lésbicas eram vitais. Para as lésbicas de classe média estas questões eram condição absoluta para poderem viver como lésbicas sem terem que submeter-se ao casamento heterossexual a fim de manterem os seus estilos de vida burgueses.

Durante muito tempo, as feministas lésbicas alemãs trabalharam no movimento das mulheres sem se identificarem. Mas no final do séc. XIX emergiu um movimento homossexual (ou - segundo o termo mais popular - movimento "Uraniano"), dado que, ironicamente, os sexólogos que apresentavam ao mundo como anormal o amor mesmo-sexo também deram uma identidade coesa àqueles e àquelas com a coragem de viver tal amor. Embora de início o movimento Uraniano tenha sido composto quase inteiramente por homens, depressa congregou muitas lésbicas e serviu para reforçar a sua consciência em relação aos seus direitos no movimento feminista. Tendo como apoio a força do movimento homossexual, Anna Rueling pôde dizer num discurso público proferido em Berlim em 1904:

"Desde o princípio do movimento das mulheres até à presente data um número significativo de mulheres homossexuais assumiram a liderança nas inúmeras lutas e, através da sua energia, despertaram as mulheres comuns, naturalmente indiferentes e submissas, a uma consciência da sua dignidade humana e direitos. Se considerarmos as contribuições das mulheres homossexuais em prole do movimento das mulheres ao longo das décadas, é espantoso que as grandes e influentes organizações do movimento nunca tenham levantado um dedo a fim de promover os direitos civis e condição social das suas numerosas sócias Uranianas."

("Que interesse tem o movimento das mulheres na questão homossexual?")

As lésbicas e o movimento alemão de direitos homossexuais

Com característica ambivalência, os "cientistas" do séc. XIX, após rotularem de mórbido o amor mesmo-sexo, declararam-se, regra geral, compreensivos em relação aos homossexuais. Por exemplo, na sua "Psychopathia Sexualis" Krafft-Ebing sugeriu que os homossexuais não deveriam ser punidos pela lei, uma vez que eram congenitamente defectivos e a sua maneira de expressão sexual lhes era natural, não se tratando de uma escolha exótica. Apesar da ambivalência dos sexólogos, alguns grupos no movimento

para os direitos homossexuais (séc. XIX), tal como o Comité Científico Humanitário, usaram os "factos científicos" dos sexólogos que versavam sobre o "fardo congénito" em campanhas contra as leis anti-homossexuais; estes grupos argumentavam, assim, que o punir os homossexuais por preferirem o seu próprio sexo era tão injusto como o punir os cegos por não poderem ver ou os aleijados por não poderem andar. Porém, outros grupos homossexuais, tal como a Comunidade dos Especiais, eram da opinião que este argumento seria em última análise contraproducente. Benedict Friedlander, fundador da Comunidade, argumentou que "podemos concertar a pena dos doentes, podemos ter um comportamento humano para com eles, podemos até tentar "curá-los"; contudo, em nenhuma ocasião reconhecemos direitos iguais a presumíveis inferiores físicos". Infelizmente, a maior parte dos activistas homossexuais da época demonstraram cegueira à lógica de Friedlander. Infelizmente também, o grupo de Friedlander era essencialmente anti-feminista: a Comunidade queria reavivar os ideais gregos, tendo como ênfase o amor dos rapazes e a camaradagem e uma total exclusão das mulheres fora dos seus papéis reprodutivos. Por isto, as lésbicas activas no movimento dos direitos homossexuais tendiam a concordar com os sexólogos de que eram homossexuais através de uma anomalia congénita. Poucas teriam compreendido ou estado de acordo com a noção do lesbianismo político ou do lesbianismo enquanto escolha existencial.

Desta forma, tornou-se "linha do partido" para muitas(os) homossexuais durante grande parte da 1ª metade do séc. XX a visão do Comité Científico Humanitário; isto enquanto se tornavam populares as teorias igualmente perniciosas de Freud sobre o efeito das influências ambientais na orientação sexual. *The Well of Loneliness* (O Poço Da Solidão), romance notório da inglesa Radclyffe Hall, publicado em 1928 e traduzido para 11 línguas, foi em parte responsável pela longevidade da teoria congénita. Hall, também, propagou esta teoria por motivos políticos reactivos. Através da sua heroína, Stephen Gordon, conhecedora do trabalho de Krafft-Ebing e de outros sexólogos que promulgavam a teoria congénita, Hall argumentou que, já que os invertidos "nasceram assim" não faz sentido científico olhá-los como "ofensas à natureza". E por causa do popular romance de Hall, muitas lésbicas na Europa e na América aceitaram as teorias destes "cientistas" como explicação da génese do seu "problema" enquanto continuar a crer que o lesbianismo era um problema.

Talvez tantas mulheres que amavam mulheres acolheram com agrado as teorias do fardo congénito por razões de utilidade prática política: se os homossexuais nasciam diferentes, não podiam ser culpáveis à luz da lei; uma vez que a homossexualidade era congénita, a sociedade não precisava de tomar medidas preventivas para que um homossexual não seduzisse um não-homossexual -- se a pessoa não nascia contaminada, ninguém era seduzível; e se uma pessoa nascia contaminada, essa contaminação acabaria de qualquer forma por expressar-se de acordo com a regra da natureza. Tendo em atenção as leis anti-homossexuais que foram instituídas ou que estiveram quase para ser instituídas na Alemanha do séc. XIX, tal utilidade prática política parecia a muitos homossexuais ser a via mais sensata. Ainda hoje no movimento americano de direitos gay, muitos "essencialistas" têm adoptado esta tática.

Até 1794, um Código prussiano determinava que quer homens quer mulheres deveriam ser queimados em público como resultado de "actos contra a natureza", e foi ao abrigo dessa lei que Catarina Linck foi executada em 1721. Em 1837 foi instituída uma lei mais "liberal", segundo a qual todas as pessoas culpadas de "actos contra a natureza" eram condenadas apenas ao "encarceramento seguido de castigo perpétuo". Em 1851, o castigo para os "actos contra a natureza" foram restringidos por lei a homens apenas. A mentalidade "victoriana" chegara à Alemanha. A lei preferia ignorar a possibilidade de que as mulheres fossem capazes de expressão sexual. Em 1871, o Parágrafo 175 do Código Penal alemão reiterava que os actos homossexuais entre homens constituíam crime. Em anos posteriores do séc. XIX, verificaram-se algumas tentativas de tornar a lei novamente extensiva aos actos entre mulheres (tal como sucedeu na Áustria). Estas tentativas culminaram em 1910 com um novo projecto de Código Penal. Foi nesta altura -- pela primeira vez na história -- que grupos feministas acudiram em larga escala em defesa das lésbicas. Em toda a Alemanha realizaram-se encontros de organizações de mulheres com o propósito de discutir estratégias para lutar contra o proposto alargamento às mulheres do Parágrafo 175. A publicação Social-Democrata, Avante, noticiou que uma destas reuniões (da Liga para a Protecção das Mães), realizada em Berlim a 10/02/1911, atraiu tal participação que foi de imediato convocada outra reunião. O grupo resolveu tomar a posição que era um "sério erro" tornar extensivo às mulheres homossexuais o estatuto criminoso, deliberando também:

por este meio não seria eliminada uma igualdade, mas sim seria duplicada uma

injustiça. Escancarar-se-iam as portas aos informadores e chantagistas, e as mulheres trabalhadoras solteiras que vivem com outras mulheres seriam postas sob uma pressão vergonhosa e prejudicial -- enquanto que não se protegeriam os interesses de ninguém. No mínimo, o grupo é de opinião que os peritos médicos -- em especial os investigadores sexólogos e os psiquiatras -- tal como as mulheres, devem ser consultados sobre o assunto.

Graças a estes protestos de organizações de mulheres alemãs, os legisladores derrotaram o projectado alargamento do Parágrafo 175.

Entre as décadas 1890 a 1920 inclusive, as lésbicas alemãs, mesmo aquelas que se criam homens capturadas em corpos de mulheres, eram frequentemente feministas em pelo menos algumas áreas das suas vidas. No entanto, não existiam na altura organizações especificamente ou exclusivamente lésbico-feministas. As feministas lésbicas alemãs da época faziam parte, muito frequentemente, tanto de uma organização feminista como da organização homossexual mais popular, o Comité Científico Humanitário, fundado por Magnus Hirschfeld em 1897. Segundo testemunho de Hirschfeld, a polícia por vezes chegava a impedir que as mulheres assistissem aos fóruns públicos do Comité Científico Humanitário, porque a discussão da homossexualidade era considerada imprópria na presença de mulheres. Não teria sido tolerada nessa altura uma organização pública lésbica.

Com um avanço de mais de meio século em relação a qualquer outro país, incluindo os EUA, o Comité Científico Humanitário propunha como seus objectivos: 1) trabalhar para a abolição de leis discriminatórias tais como o Parágrafo 175; 2) esclarecer o público sobre a homossexualidade; 3) esclarecer os homossexuais para que lutassem pelos seus direitos. O Comité realizava fóruns públicos acerca da homossexualidade, mandava oradores em viagens nacionais e internacionais, e providenciava as suas publicações às comissões governamentais que estudavam a revisão do Código Penal. De 1899 a 1923 o Comité publicou O Anuário dos Tipos Sexuais Intermédios, tendo-se esforçado para incluir muitos artigos por mulheres e acerca de mulheres. Regra geral, estes artigos ocupavam-se em demonstrar que também as mulheres podiam nascer do "terceiro sexo", i. e., que o lesbianismo era congénito. Hirschfeld interessava-se especificamente por envolver na causa homossexual "senhoras uranianas de intelecto

elevado" e em 1902 já as via como uma "componente importante e indispensável em todos os nossos acontecimentos".

A imagem lésbica, anos 1890-1920

A mais fluente afirmação literária sobre a vida lésbica, saída da Alemanha desta época, foi o extraordinário *Serão estas mulheres?* de Aimée Duc (1903). O livro de Duc, embora não particularmente exímio enquanto romance, é absolutamente inigualável enquanto afirmação enfaticamente positiva lésbico-feminista -- com um final feliz. O resto da ficção lésbica deste período foi escrita em grande medida por homens e frequentemente apresentava as lésbicas como doentes ou confusas ou sinistras ou todas essas 3 categorias. Os poucos romances escritos por mulheres frequentemente apresentavam experiências adolescentes, por vezes em jeito de prevenção (p. ex. *A Nova Eva* de Maria Janitschek, 1906): esta advertia que se a expressão heterossexual dos jovens fosse suprimida, viriam à superfície sentimentos homossexuais. A maior parte das vezes, estes romances retratavam paixões de adolescência entre raparigas ou a paixão inocente de uma jovem por uma mulher mais velha. Estas não ameaçavam particularmente o tecido da sociedade, partindo-se do princípio que a rapariga ultrapassaria esta "fase" (ex. em 1897 *De uma boa família* de Gabriella Reuter e em 1903 *A Jovem Don Juan* de Maria Eichhorn). Algumas autoras foram ao ponto de sugerir, tal como Reuter numa posterior obra autobiográfica (*Da infância à maturidade*, 1921), que uma paixão adolescente para com outra mulher poderá ser uma das experiências emocionais mais profundas e mais sérias da vida de uma mulher.

Era frequente os romances sobre mulheres adultas se oporem especificamente ao contacto sexual entre mulheres e sugerirem que estas relações mesmo-sexo deveriam estar livres de semelhante expressão baixa e ignóbil (ex. *Da nova mulher e do seu amor* de Elizabeth Dauthendey, 1900). E não foi senão em 1919, com *O Escorpião*, 1º volume de uma trilogia de Anna Weirauch, que o erotismo lésbico apareceu como mais do que um lamiré num romance escrito por uma mulher. A sensibilidade das mulheres à possibilidade da censura poderá ser explicação da reticência de muitas escritoras deste período. Mais difícil de explicar é a existência de um livro tão revolucionário e, em última análise, celebratório como *Serão estas mulheres?*, que nem mostrava a heroína a ultrapassar a sua ligação lésbica, nem sugeria que o amor entre as mulheres deveria ser

assexual, nem escondido sob as vestimentas da ciência.

Muitas destas escritoras aceitavam a noção da lésbica como sendo membro do terceiro sexo, e, deste modo, totalmente diferente da mulher vulgar. De acordo com Anna Rueling:

A mulher homossexual possui as qualidades, inclinações e capacidades que consideramos masculinas. Em particular, a mulher homossexual diferencia-se da norma feminina na sua vida emocional. Enquanto que na mulher heterossexual é a emoção que quase sempre predomina e constitui traço decisivo, a mulher uraniana rege-se pela razão pura.

Uma vez que eram negados os factores sociais ou ambientais como explicação para a racionalidade, energia, agressão (ou falta delas), e bem assim como explicação para a homossexualidade, Rueling e outras argumentavam que as mulheres homossexuais "pensavam como homens" porque tinham nascido com mentes de homens.

Muitas destas mulheres também aceitavam sem questionar a necessidade de uma dicotomia de papéis masculino/feminino nas relações lésbicas -- por vezes por lhes parecer natural, por vezes por estarem influenciadas pela rígida divisão sexual do séc. XIX, o que as levava a crer que 2 mulheres ligadas uma à outra teriam de assumir um papel masculino e outro feminino, a fim de perfazerem um todo entre as duas.

Assim, a "contra-sexual" que escreveu "A verdade a meu respeito" conclui a descrição da sua felicidade doméstica da seguinte forma: "A minha linda e querida esposa move-se atarefadamente na nossa casinha como uma verdadeira dona de casa alemã, e eu trabalho e tomo conta de nós as duas como um marido activo e vital".

Estas escritoras sofriam frequentemente de Vitorianismo, que lhes ensinava que, enquanto que o amor era nobre e o bem mais elevado, o sexo era o mal. Caso tivessem sido heterossexuais, teriam tido sem dúvida problemas com o erotismo semelhantes àqueles que tinham enquanto homossexuais. Estas mulheres que amavam mulheres ainda se encontravam suficientemente próximas à instituição amorfa da amizade romântica (que até há pouco tempo fora socialmente aceite) para quererem manter-se

nela ou esconder-se por detrás. A solução encontrada pela Sra. M.F. para os "pecados da carne" não foi desistir do seu amor pelas mulheres, mas sim substituir a sensualidade pela "nobreza e pureza espiritual", foi sublimar a sensualidade em "energia criativa". A solução altamente equívoca de Elisabeth Dauthendey no seu Sobre a nova mulher e o seu amor vê a heroína rejeitar os avanços sexuais "impuros" de sáficas, em vez disso encontrando uma felicidade sensual mas claramente não-genital com uma mulher mais jovem.

As duas amantes são descritas nos seguintes termos: "a resplandecente jovem mulher na plenitude da sua beleza, e a mulher madura na plenitude da sua experiência e da sua esperança imortal para a vida vindoura. Estas duas, com grande fé uma na outra, com conhecimento puro uma da outra -- unidas nessa devoção que apenas as mulheres sabem atingir no amor". Dauthendey torna claro que as duas mulheres dependem agora uma da outra, apenas porque os homens não merecem o amor puro das mulheres, e que quando os homens, eles próprios, se tornarem nobres, jovens como a jovem heroína consentirão em tornar-se esposas e mães. A autora não diz o que fará com a sua vida e o seu intenso amor a mulher mais velha, caso a mulher jovem encontre o macho excepcional. No entanto, cinco anos mais tarde, Dauthendey compensa este equivocar num panfleto intitulado "A questão Uraniana e as mulheres", no qual insiste, mais do que 60 anos antes das mulheres de agora, que as feministas têm a obrigação de apoiar os Uranianos.

Enquanto que as lésbicas frequentemente caíam na armadilha dos mitos disfarçados de ciência, sabiam também que eram acima de tudo mulheres, que embora escolhessem não relacionar-se com os homens, eram vítimas do sexismo. Assim, aquelas que pensavam as questões eram militantemente feministas, mesmo a auto-identificada "contra-sexual" masculina ("A verdade a meu respeito"), que sugerem que a mulher -- não apenas aquelas que são "homens dentro de corpos de mulher" mas sim todas as mulheres -- deveria ter relutância em casar, porque o casamento significava "envergar o jugo" e permitir a alguém "afirmar o seu 'ele será o teu senhor'"; e que se dá conta com ira que, embora tivesse tido as notas mais altas na escola primária, encontrava dificuldades em prosseguir a educação por "ser rapariga".

Estas mulheres foram também das primeiras a reconhecer que muita mulher neurótica poderia curar-se, como é sugerido em Serão estas mulheres? , "se a deixassem ser

independente, simplesmente como ser humano com a sua própria profissão".

Reconheciam também que a popular maleita feminina, a histeria, se devia à sensação de infelicidade por parte das mulheres e que se a essas mulheres "doentes" fosse permitido um trabalho construtivo, quase todas se transformariam em pessoas "capazes e úteis".

Estas mulheres criticavam o pressuposto da sua sociedade segundo o qual era obrigação de todas as jovens casar, não precisando pois de qualquer formação profissional. Melhor ainda, as lésbicas alemães apresentavam frequentemente uma imagem ideal àquelas cuja aspiração era serem fortes mulheres modernas. Este ideal encontra-se sucintamente expresso na personagem do romance de Aimée Duc, nos seguintes termos: "uma mulher séria e com experiência da vida, auto-suficiente apesar dos seus meros 28 anos, de um modo que apenas as mulheres intelectualmente activas podem ser".

De acordo com Anna Rueling, no início do século o movimento das mulheres na Alemanha parecia estar a "avançar sem impedimentos". As mulheres homossexuais eram de opinião que tinham passado suficiente tempo caladas quer nas chefias, quer nas bases do movimento, que era chegada a altura de as feministas "confessarem aberta e honestamente: sim, há muitas Uranianas entre nós, e devemos-lhes uma grande dívida pela sua energia e trabalho, que nos trouxe grandes êxitos", que era chegada a altura de o movimento das mulheres se ocupar de alguns problemas especificamente das lésbicas, uma vez que as lésbicas tinham feito um longo e árduo trabalho em benefício das mulheres heterossexuais.

Mas teria sido impossível às "feministas-lésbicas" fazerem tais exigências se não tivessem tido como apoio a força do movimento homossexual que serviu para consciencializar as lésbicas e que -- apesar das perniciosas teorias "congénitas", aceites por algumas facções do movimento homossexual -- serviu para dar às lésbicas de uma época tão remota como 1900 uma primeira aproximação de orgulho gay. Munida deste orgulho, a autora de "A verdade a meu respeito" exorta outras lésbicas: "Tomem esta coragem, minhas irmãs, e mostrem ao mundo que têm tanto direito a existir e amar como o mundo "normal", desafiem este mundo e eles tolerar-vos-ão, reconhecer-vos-ão, terão mesmo inveja de vós".

Esta mensagem foi suprimida com o crescer do fascismo na Alemanha dos anos 30,

quando foram submetidos a rusgas policiais os locais de encontro de lésbicas e até apartamentos particulares, e algumas lésbicas foram mandadas para campos de concentração, tal como o campo de Buetzow em Mecklenburg.

Mas, antes de tal acontecer, tinha-se desenvolvido uma sub-cultura lésbica que, já nos anos 20, não tinha igual em parte alguma do mundo, excepto talvez em Paris. Em Berlim existiam cerca de 60 locais onde podiam ir as lésbicas conversar, dançar, brincar, e conhecer outras mulheres -- locais quer para lésbicas de classe média, quer para lésbicas de classe operária. Havia até um jornal exclusivamente lésbico, patrocinado pela Federação para os Direitos Humanos (uma organização homossexual que nos anos 20 tinha 48 000 sócios). Este jornal anunciava em termos claros os locais nocturnos para lésbicas, as quais podiam também colocar anúncios pessoais. Tal liberdade e abertura não voltaram a enraizar-se em mais nenhuma parte do mundo durante cerca de meio século.

(tradução de MJS in Lilás nº13, 1995)

<http://lgbtamazonas.blogspot.com/2009/04/as-lesbicas-na-alemanha-do-sec-xix-ao.html>